David Riazanov e a edição das obras de Marx e Engels [1]

Hugo E. A. da Gama Cerqueira [2]

Resumo: este artigo apresenta um esboço da biografia de David Riazanov, discutindo sua participação na vida política e intelectual russa e, em especial, seu papel na descoberta e publicação do legado literário de Karl Marx e Friedrich Engels, que culminou na primeira tentativa de editar as obras completas destes autores, a *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA).

Palavras-chave: David (Borisovich Goldendach) Riazanov; Karl Marx; Friedrich Engels; MEGA.

Abstract: This article presents an outline of the biography of David Riazanov. The article discusses Riazanov's participation in the political and intellectual life of Russia, and his role in the discovery and the publication of the literary legacy of Karl Marx and Friedrich Engels, which culminated in the first attempt to edit the *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA).

Key words: David (Borisovich Goldendach) Riazanov; Karl Marx; Friedrich Engels; MEGA.

Classificação JEL: B31; B24; A31

---

[1] A motivação para redigir este artigo veio do convite formulado por meus colegas, Prof. João Antonio de Paula e Prof. Eduardo da Motta e Albuquerque, para participar de uma mesa redonda sobre "A publicação das obras completas de Marx e Engels", durante o seminário *150 anos dos Grundrisse*, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2008, no Cedeplar-UFMG. Registro meu agradecimento a ambos pelo convite e pelo estímulo, bem como a Michael Krätke e Bud Burkhard por sua colaboração.

[2] Professor do Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais.
(Av. Antonio Carlos 6627 / Belo Horizonte, MG / 30380-260 / e-mail: hugo@cedepar.ufmg.br).

Introdução

O nome de David Riazanov (1870-1938) é conhecido dos que se interessam pela história do marxismo. É provável que a maioria recorde-se dele como o autor de uma biografia popular de Marx e Engels, escrita com base nas nove conferências que pronunciou sobre o tema em 1923, na Academia Socialista, em Moscou.[3] Outros lembrarão dele como um dos mais importantes intelectuais russos do início do século XX, ou como o historiador do marxismo e do movimento operário, ou como o editor de textos clássicos de economia e filosofia, o líder político e sindical, o revolucionário que tomou parte ativa nos acontecimentos de 1917.

Dotado de uma memória fabulosa e de uma imensa capacidade de trabalho, Riazanov foi uma personalidade fascinante e multifacetada. Capaz de cativar as crianças com suas proezas de ginasta e seu comportamento rumoroso e divertido, ele foi também um homem destemido e impetuoso, "organicamente incapaz de covardia" (Trotsky, 1978: 197; 1931). Conta-se que numa das reuniões do Partido interrompeu um discurso de Stalin dizendo: "Deixe disso Koba, não se faça de tolo. Todo mundo sabe que teoria não é exatamente seu forte" (Deutscher, 1970: 261, tradução alterada). Ao mesmo tempo, era um *scholar* erudito, um pesquisador talentoso e escrupuloso, apaixonado por seu trabalho a ponto de ser lembrado como alguém que lia o tempo todo e em todo lugar. Era "incontestavelmente o homem mais culto do Partido", um "marxista erudito e o *enfant terrible* do partido" (Lunacharsky, 1967: 77; Carr, 1953: 52).[4]

Já foi dito, com razão, que é difícil não simpatizar com alguém assim (Burkhard, 1985: 39). E, no entanto, por muito tempo uma cortina de fumaça pairou sobre o nome de Riazanov. Expulso do Partido e impedido de continuar a frente de seu trabalho editorial, seu nome foi apagado da história russa e condenado àquela espécie de esquecimento compartilhada por tantos outros que sofreram, como ele, o peso da repressão stalinista. De tal modo que, até recentemente, pouco se sabia sobre os detalhes de sua biografia e de seu trabalho, prevalecendo muita incerteza e versões

[3] Publicado pela primeira vez em 1923, em russo, o livro foi traduzido no mesmo ano para o francês e, em 1927, para o inglês. Há uma edição brasileira lançada pela Global Editora (Riazanov, 1983).

[4] Cf. também os artigos de Max Shachtman (1942) e Boris Souvarine (1931).

desencontradas sobre sua vida, mas também sobre as circunstâncias associadas a sua morte (Burkhard, 1985). Nos últimos anos, a partir da abertura dos arquivos soviéticos, um conjunto de pesquisas feitas na Rússia e na Alemanha têm contribuído para alterar este quadro.[5]

O objetivo deste texto é o de lançar alguma luz sobre a vida e a obra de Riazanov, enfatizando-se a análise seu papel à frente da primeira tentativa de editar as obras completas de Marx e Engels, a *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA). Não há aqui qualquer pretensão de apresentar dados novos tomados de fontes primárias, senão o de reunir informações dispersas na literatura sobre o período, confrontando versões e buscando contribuir para tirá-lo do esquecimento em que foi lançado.

Os primeiros anos [6]

David Borisovich Goldendach (Давид Борисович Гольдендах) nasceu em Odessa (Ucrânia), no dia 10 de março de 1870, filho de pai judeu e mãe russa. Envolveu-se com a militância revolucionária muito jovem, antes mesmo de tornar-se adulto, o que acabaria por lhe render longos períodos de prisão e exílio. Aos 15 anos, ainda estudante, juntou-se aos remanescentes da *Narodnaia Volia*, uma organização terrorista criada em 1879 por militantes *narodniks*. Foi expulso do Ginásio de Odessa no ano seguinte, não por suas atividades políticas, como seria de se esperar, mas pelo que seus professores consideravam uma "incapacidade irremediável". Dedicou-se então a estudar os clássicos do socialismo e o primeiro livro de *O Capital*. Sua transição do populismo ao marxismo não foi instantânea, mas resultado de muita leitura, reflexão e atividade política. Viajou ao exterior em 1889 e 1891 para estabelecer contatos com os círculos de emigrados, encontrando-se pela primeira vez com Georgi Plekhanov (1856-1918), a grande referência marxista para os russos neste período. Na mesma época, Riazanov participou do primeiro congresso da II Internacional e travou relações com alguns dos expoentes do movimento socialista, como Auguste Bebel (1840-1913), Karl

[5] Alguns dos principais achados destas pesquisas foram expostos numa biografia publicada em 1996, cuja divulgação, entretanto, esbarra na barreira da língua. Cf.: ROKITIANSKII, Iakov; MÜLLER, Reinhard. *Krasnyi Dissident: Akademik Riazanov - opponent Lenina, zhertva Stalina*: biograficheskii ocherk, dokumenty, Moscou: Academia, 1996, 464 p.

[6] Esta seção e a seguinte baseiam-se extensamente no trabalho de Beecher e Fomichev (2006) – que por sua vez apóiam-se na biografia de Rokitianskii e Muller mencionada na nota anterior –, bem como em Burkhard (1985) e Leckey (1995).

Kautsky (1854-1938) e Eduard Bernstein (1850-1932), além de Laura Marx (1845-1911) e seu marido, Paul Lafargue (1842-1911).

Ao retornar de sua segunda viagem, em outubro de 1891, foi preso na fronteira entre a Áustria e Rússia. Permaneceu encarcerado em Odessa até fevereiro de 1893, quando foi transferido para a famosa prisão de Kresti, em São Petersburgo, passando ali quatro anos, boa parte deles em isolamento. Durante o período em que ficou na prisão, procurou estabelecer uma rotina que combinava exercícios físicos e uma intensa atividade intelectual, que incluía a tradução textos de economia política, estudos sobre história, economia e literatura, e a oferta de cursos sobre Marx.

Por volta de 1900, já no exílio, adotou o sobrenome Riazanov (Рязанов) por pseudônimo.[7] Na mesma época, juntou-se a Yuri Steklov (1873-1941) e outros marxistas russos para criar o grupo *Borba*, que propugnava a união dos social-democratas russos, divididos em diferentes grupos e facções. Aproximou-se de Lênin e colaborou com o *Iskra* e a *Zaria,* mas já em 1903, após o segundo congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo, expressou suas divergências com relação ao centralismo e às tendências antidemocráticas dos bolcheviques, mantendo-se distante dos grupos em disputa.

Com a Revolução de 1905, Riazanov retornou à Rússia e tomou parte na luta contra o czarismo, envolvendo-se ativamente com o trabalho de organização sindical em São Petersburgo. Foi novamente preso e deportado em 1907: tinha início o seu segundo período de exílio, que duraria dez anos, durante os quais ele procurou conciliar a atividade política com um amplo esforço de pesquisa e publicação.

Persistindo na defesa da unificação das diferentes correntes do socialismo russo, Riazanov colaborou indistintamente com bolcheviques e mencheviques. Aproximou-se de Anatoly Lunacharsky (1875-1933), com quem faria uma amizade duradoura. Juntos participaram dos cursos de formação política organizados por Alexander Bogdanov (1873-1928) em Capri, em 1909. No ano seguinte, durante o Congresso da II Internacional em Copenhagen, defendeu Trotsky – com quem também manteria um vínculo prolongado – das críticas formuladas por Lênin e Plekhanov. Mas em 1911

[7] Graças à existência de diferentes regras de transliteração, este sobrenome aparece grafado como Rjasanoff, Ryazanov, Rjazanow, entre outras variantes. Para tornar as coisas ainda menos simples, Riazanov também usou o pseudônimo de Bukvoyed (ou Bukoved), que pode ser traduzido como "cupim" ou "traça de livro" (Pearce, 2003: 11; Burkhard, 1985: 40).

participou da escola de formação de quadros organizada por Lênin em Longjumeau, nos arredores de Paris, voltando a aproximar-se dele durante I Guerra: em 1915, quando ambos participaram da Conferência de Zimmerwald e, mais tarde, quando se encontraram em Zurique.

Os anos de exílio foram ricos em termos intelectuais. Em 1909, Riazanov foi incumbido pela Biblioteca Anton Menger, de Viena, de reunir e publicar documentos sobre a história da I Internacional, o que lhe franqueou acesso às principais bibliotecas e arquivos europeus. Ao mesmo tempo, os contatos que havia estabelecido anteriormente com Bebel e Kautsky asseguraram-lhe acesso aos manuscritos de Marx e Engels, que estavam de posse do Partido Social-Democrata Alemão (SPD), bem como aos textos de Marx preservados por Laura Lafargue. Aos poucos, Riazanov tornou-se o maior conhecedor do legado literário daqueles dois autores e foi pressionado pelos dirigentes do SPD a dar continuidade ao trabalho de divulgação de seus textos inéditos ou esquecidos, esforço iniciado alguns anos antes por Franz Mehring (1846-1919).[8] Entre os resultados deste trabalho, merece destaque a publicação, em 1917, de dois volumes reunindo os artigos escritos por Marx e Engels nos anos 1850 para jornais como o *New York Tribune* e o *People's Paper*.[9]

Para além do trabalho arquivístico e editorial, as pesquisas de Riazanov resultaram em textos publicados em diferentes revistas alemãs – como *Die Neue Zeit* e *Der Kampf* – e russas – *Prosveshchenie* e *Sovremennii Mir* –, além de uma série de artigos publicados no *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, o famoso periódico editado por Carl Grünberg (1861-1940). Entre os textos publicados neste período incluem-se artigos sobre a "as origens da supremacia russa na Europa segundo Marx"[10] e sobre a "questão polonesa segundo Marx e Engels",[11] além da edição comentada de cartas inéditas de Lassale, Bakunin e Jacoby.[12]

---

[8] MEHRING, Franz (org.). *Aus dem literarischen Nachlass von Karl Marx, Friedrich Engels, und Ferdinand Lassalle*, 4 volumes, Stuttgart: J. H. W. Dietz Nachf, 1902.

[9] RIAZANOV, David (org.). *Gesammelte Schriften von Karl Marx und Friedrich Engels, 1852 bis 1862*. 2 volumes, Stuttgart : J.H.W. Dietz Nachf, 1917. Uma edição facsimilar em meio eletrônico pode ser encontrada em http://www.archive.org/details/toronto.

[10] RJASANOFF, N.. *Karl Marx über den Ursprung der Vorherrschaft Rußlands in Europa*. (Ergänzungshefte zur Neuen Zeit, 5), 1909.

[11] RJASANOFF, N.. Karl Marx und Friedrich Engels über die Polenfrage, *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, v. 6, 1916, p. 175-221 (disponível em http://alo.uibk.ac.at/webinterface/library).

Os anos da Revolução e o Instituto Marx Engels

Com o início da Revolução de Fevereiro de 1917, Riazanov decidiu retornar a Rússia. Partiu da Suíça em maio, viajando através da Alemanha num trem selado em companhia de Lunacharsky e dezenas de outros revolucionários. A partir de sua chegada, engajou-se em intensa atividade política, participando, de início, do *Mezhraiontsy*: um pequeno grupo baseado em Petrogrado e conhecido como "Interdistrital", no qual também militaram Trotsky e Lunacharsky. No final de julho, este grupo juntou-se aos bolcheviques e, a partir daí, Riazanov tornou-se um de seus mais destacados oradores e ativistas, sendo eleito para o presidium do II Congresso dos Soviets e tomando parte no Conselho Central Sindical da Rússia. Em outubro, a exemplo de outros tantos bolcheviques e mencheviques, ele se opôs a insurreição armada convocada por Lenin. Nos meses seguintes, voltou a divergir dos bolcheviques em diferentes situações: propôs uma coalizão de governo com os mencheviques e os socialistas-revolucionários (a quem insistia em chamar de "camaradas" apesar das admoestações da direção do partido), protestou contra o fechamento de jornais e revistas, atacou a decisão de fechar a Assembléia Constituinte e opôs-se a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk.[13] Além disso, confrontou-se com os bolcheviques em questões de organização partidária, defendendo a liberdade de discussão e a democracia partidária contra a burocratização e as práticas autoritárias do Comitê Central e afirmando: "Discussões, camaradas, não fazem mal ao nosso partido. Discussões apenas fortalecem o nosso Partido" (*apud* Beecher e Formichev, 2006: 125).

Recusando-se a permanecer calado diante de decisões que contrariavam seus princípios, poucos tomaram a sério suas intervenções, preferindo tratá-lo como uma espécie de "temperamental excêntrico", alguém a quem se deveria deixar falar, mas que não deveria ser levado a sério. Temido por sua influência nos meios sindicais, Riazanov foi tolerado pelo Partido, ao qual continuou ligado apesar de suas divergências com a

---

[12] RJASANOFF, N.. Briefe Lassalles an Dr. Moses Hess, *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, v. 3, 1913, p. 129-142.
RJASANOFF, N.. Bakuniana, *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, v. 5, 1915, p. 182-199.
RJASANOFF, N.; Grünberg, C.. Ein briefe Johann Jacobys an Karl Marx, *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, v. 7, 1916, p. 446.
Estes artigos encontram-se disponíveis em meio eletrônico em http://alo.uibk.ac.at/webinterface/library

[13] Neste caso, por entender que a paz favoreceria as forças reacionárias e deteria a revolução na Alemanha.

direção. Em 1921, após um confronto público e tenso com Stalin durante o IV Congresso dos Sindicatos de toda a Rússia, ele foi afastado de toda a militância sindical. Choques com a direção do Partido voltaram a ocorrer nos anos seguintes, levando-o a reafirmar sua independência e seu direito ao exercício da crítica. Em 1924, demarcou sua posição declarando: "não sou um bolchevique, não sou um menchevique, não sou um leninista. Sou apenas um marxista e, enquanto marxista, sou um comunista" (*apud* Burkhard, 1985: 45). Mas a partir de 1921 o envolvimento de Riazanov com a militância política e sindical declina, abrindo espaço para um que ele se ocupasse mais intensamente de suas tarefas como pesquisador e administrador acadêmico.

Nos primeiros anos pós-Revolução, Riazanov esteve às voltas com problemas administrativos ligados a organização e funcionamento do ensino superior e das instituições de pesquisa soviéticos. De 1918 a 1920, dirigiu o Comitê Central para Direção dos Arquivos, desempenhando um papel fundamental na preservação dos acervos de arquivos e bibliotecas russos, o que lhe assegurou o respeito de historiadores ligados a Universidade de Moscou. Paralelamente, participou de maneira ativa dos trabalhos da Academia Socialista, criada em 1918 para a promoção da pesquisa marxista.

Mas a maior conquista de Riazanov foi a criação do Instituto Marx Engels (IME), um centro devotado à pesquisa histórica sobre o marxismo, bem como à investigação dos movimentos operário e comunista. Fundado em janeiro de 1921, o Instituto funcionou até esta data como uma seção da Academia Socialista, sendo então colocado sob a jurisdição do TsIK, o Comitê Executivo do Congresso dos Soviets de toda Rússia – e fora, portanto, do controle direto do Partido.[14] Desde o início, Riazanov assegurou-se de obter significativo apoio material e financeiro para sua organização, bem como independência para recrutar o seu *staff* entre os especialistas disponíveis, a maioria deles sem qualquer vínculo com o Partido.

No que diz respeito ao último aspecto, é fato que – como Trotsky (1931) argumentou – boa parte dos bolcheviques com os requisitos e a formação necessários para participar dos trabalhos do Instituto já estava ocupada em cargos de governo, o que tornava mais palatável a decisão de Riazanov de recrutar quadros técnicos entre

[14] Ao contrário do Instituto Lênin, criado em 1924 para publicar as obras de Lênin e preservar seu arquivo.

adversários e dissidentes do regime, a exemplo do que fizeram outras instituições e órgãos governamentais. Na verdade, ele foi mais longe. Por exemplo, ao indicar Abram Moiseevich Deborin (1881-1963) para a função de vice-diretor do Instituto. Filósofo renomado que protagonizou a controvérsia entre os "mecanicistas" e os "dialéticos" nos anos 1920 e que dirigiu a famosa revista *Pod znamenem marksizma* (Sob a bandeira do marxismo) entre 1926 e 1930, Deborin esteve ligado aos mencheviques de 1907 a 1917. Tendo abandonado a atividade política em 1917 para dedicar-se ao ensino, sua efetiva ruptura com os mencheviques permanece objeto de controvérsia. O fato, porém, é que ele só se filiou ao Partido Comunista em 1928 (Ahlberg, 1961: 80). A exemplo dele, a presença nos quadros do Instituto de um número expressivo de "ex-mencheviques", de "ex-socialistas revolucionários", bem como de esposas e parentes de dissidentes do regime chamava atenção. Por volta de 1930, apenas 39 dos 139 membros do *staff* do IME eram filiados ao Partido.[15] Autorizado pelo Comitê Central a fazer estas contratações, Riazanov não hesitou em sair em defesa de seus colaboradores quando as circunstâncias o exigiram e nem se intimidava com os críticos. Ao contrário, fazia troça da situação dizendo que "somos uma espécie de *salon des refusés*" (Beecher e Formichev, 2006: 126; Burckhardt, 1985: 42).

Igualmente decisiva foi sua capacidade de reunir os recursos financeiros e materiais para a organização do Instituto. É preciso reconhecer que, desde os primeiros anos do novo regime, os bolcheviques atribuíram importância à criação de instituições voltadas para a reforma do ensino e da pesquisa e a formação de uma nova intelectualidade.[16] Ainda assim, o apoio que Riazanov logrou obter foi impressionante, tanto mais se tivermos em mente o quadro de crise econômica e de dificuldades políticas deste período, anos de fome e de guerra civil. Apesar de suas divergências, Lenin e o governo deram pronto e decidido suporte ao Instituto, provendo somas consideráveis para a compra de livros e documentos que constituiriam o seu acervo e

[15] Até mesmo Trotsky, deportado em Alma Ata por "atividades contra-revolucionárias", recebeu o apoio de Riazanov. Foi contratado para traduzir o *Herr Vogt,* de Marx, para o russo e para rever traduções e provas de outros textos da edição russa das obras de Marx e Engels, o que lhe assegurou os recursos necessários para prover às necessidades de sua família e pagar as despesas com sua copiosa correspondência política (Deutscher, 1968: 423).

[16] Por exemplo, a Academia Socialista, o Instituto dos Professores Vermelhos, a Universidade Comunista Sverdlov etc..

concedendo isenções e privilégios para que sua organização pudesse ocorrer sem os entraves burocráticos e restrições usuais.

Instalado na antiga residência dos príncipes Dolgorukov em Moscou, o IME tinha por objetivo inicial ser uma espécie de laboratório para o estudo do nascimento e desenvolvimento da teoria e da práxis do marxismo. Aos poucos, ampliou seu escopo para incluir tudo aquilo que dissesse respeito ao movimento operário e às lutas de libertação popular (L.B., 1931). Abrigando uma biblioteca, um arquivo e um museu, organizou-se inicialmente em cinco departamentos ou gabinetes dedicados a temas específicos: Marx e Engels, história do socialismo e do anarquismo, economia política, filosofia, história da Inglaterra, França e Alemanha. Mais tarde, o leque de temas e de gabinetes foi ampliado para incluir, entre outros temas, a história da ciência, as relações internacionais, a história do direito etc..

Nos anos 1920, o museu organizou uma série de grandes exposições temáticas, com a exibição do seu rico acervo de impressos, retratos, medalhas e outros objetos. Entre as exposições mais notáveis, além daquela sobre a vida e obra de Marx e Engels, registram-se a mostra sobre a Revolução Francesa, realizada em 1928, e uma exposição sobre a Comuna de Paris (L.B., 1931).

Mas foi a aquisição e organização do acervo da biblioteca e do arquivo do Instituto que animaram a vida em seus primeiros anos. De início, Riazanov pode contar com livros confiscados pelo governo de bibliotecas privadas, além daqueles obtidos em bibliotecas de outras instituições públicas. Porém, dadas as restrições à divulgação de literatura socialista na Rússia czarista e a própria extração social dos proprietários destas bibliotecas, poucos livros de interesse – isto é, volumes sobre a história do movimento operário e comunista – poderiam ser obtidos desta maneira (L.B., 1931). Um fluxo regular de novos livros foi assegurado pela transformação do Instituto em biblioteca depositária oficial. Mas foi, sobretudo, por meio de um amplo programa de aquisições no exterior que o acervo da biblioteca do IME pôde crescer até atingir a reputação de ser uma das maiores instituições de sua natureza.

Em 1920, quando o Instituto ainda não passava de um braço da Academia Socialista, Riazanov deu início às compras de bibliotecas privadas na Europa, começando pelas coleções de Theodore Mautner (1855-1922) e Wilhelm Pappenheim (1860-1939), com mais de 20 mil volumes, e de Carl Grünberg, com mais de 10 mil volumes, além de jornais e brochuras. Riazanov organizou uma rede de correspondentes

nas principais cidades européias para selecionar e adquirir livros e documentos e ele próprio viajou ao Ocidente durante os verões para participar de leilões de bibliotecas particulares e coleções de cartas e manuscritos. Em 1921, a biblioteca do grande filósofo neokantino, Wilhelm Windelband (1848-1915), foi comprada; em 1923, a coleção de jornais revolucionários de S. Kliachko, um antigo populista russo; em 1925, uma coleção de manuscritos e livros de e sobre o filósofo alemão Max Stirner, adquiridos dos herdeiros do escritor e anarquista escocês John Henry Mackay (1864-1933); em 1926, uma coleção de livros sobre história da moeda e dos bancos e outra de livros e panfletos sobre a Revolução Francesa; no ano seguinte, uma grande coleção de livros, pôsteres, proclamações, retratos e cartas relacionados à revolução de 1848-1849 no Império Austro-Húngaro, na Itália e nos países eslavos. De tal modo que por volta de 1930 a biblioteca do IME abrigava cerca de 450 mil volumes,[17] muitos dos quais raros: primeiras edições de obras de Marat, Robespierre, Babeuf e Owen, coleções de periódicos do período revolucionário na França, como *L'Ami du Peuple* e *Le Père Duchesne*, além de mais 400 títulos de periódicos do período revolucionário de 1848, entre inúmeros outros itens (Beecher; Formichev, 2006: 127-8; L.B., 1931).

Não por acaso, o Instituto tornou-se nestes seus primeiros 10 anos de existência uma referência para inúmeros intelectuais, russos ou estrangeiros, interessados no estudo do marxismo. Entre os que visitaram o IME neste período (ou ali trabalharam) incluem-se nomes variados e significativos seja entre os dirigentes políticos – como o alemão Karl Kautsky, o húngaro Béla Kun (1886-1938) e o belga Emile Vandervelde (1866-1938) –, seja entre intelectuais – como o filósofo americano Sidney Hook (1902-1989), o economista alemão Friedrich Pollock (1894-1970), o historiador francês Pierre Pascal (1890-1993). Riazanov logrou alcançar o reconhecimento internacional por seu trabalho, dirigindo as atividades do Instituto com plenos poderes, a ponto de optar por residir numa casa construída junto ao Palácio Dolgorukov, de modo a controlar de perto cada detalhe de seu funcionamento (Beecher; Formichev, 2006: 130-1).

Paralelamente, sob a orientação de seu diretor o IME desenvolveu um amplo projeto editorial. Durante os seus primeiros dez anos, foram publicadas as obras completas de Plekhanov, além de edições em russo dos grandes teóricos do marxismo (Kautsky, Rosa Luxemburgo, Antonio Labriola), uma *Biblioteca Materialista* com

[17] Em 1925 eram cerca de 175 mil (Burkhard, 1985: 44)

traduções de filósofos como Hobbes, Diderot, Holbach e Feuerbach, uma biblioteca de *Clássicos da Economia Política* (Smith, Ricardo e outros), além de uma *Biblioteca Marxista* com edições comentadas de textos de Marx e Engels, como o *Manifesto Comunista* (L.B., 1931). O Instituto abrigou ainda dois periódicos. O primeiro e mais importante, *Arkhiv K. Marksa i F. Engel'sa* (Arquivo Marx e Engels), foi publicado sob a editoria de Riazanov entre 1924 e 1930. Foram lançados cinco volumes contendo artigos de colaboradores – entre os quais Deborin (que funcionou como uma espécie de co-editor informal da revista), o filósofo húngaro György Lukács (1885-1971) e o economista russo Isaak Illich Rubin (1886-1937) –, além de uma série de textos inéditos de Marx e Engels, devidamente comentados por Riazanov: as *Teses sobre Feuerbach* (no volume 1), partes da *Ideologia Alemã* (volumes 1 e 4) e dos *Manuscritos de 1844* (vol. 3), as cartas de Marx a Vera Zasulich (vol. 1) e trechos da *Dialética da Natureza* (vol. 2), entre outros trabalhos que revelaram-se fundamentais para a revisão das interpretações correntes de sua obra.[18] O segundo periódico, *Letopisi Marksizma* (Anais do Marxismo), foi editado por Riazanov de 1926 a 1930, período em que foram lançados 13 números.[19] Mas não resta dúvida de que, no plano editorial, o projeto mais importante de Riazanov a frente do Instituto era a publicação das obras completas de Marx e Engels, a *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA).

A edição da MEGA

Em 1920, foi criada uma comissão especial na editora estatal russa (a *Gozizdat*) com a responsabilidade de editar as obras de Marx. Conhecida como "Comissão Marx", dela participaram, além de Riazanov, Nikolai Leonidovich Mescheryakov (1865-1942) e Ivan Ivanovich Skvortsov-Stepanov (1870-1928), este último um dos tradutores d'*O Capital* para o russo. Mas foi a criação do Instituto Marx-Engels, em janeiro de 1921, que estabeleceu as condições para o desenvolvimento do projeto de uma edição crítica em alemão das obras de Marx e Engels. Uma equipe de pesquisadores qualificados foi contratada para desenvolver o trabalho editorial e a rede de representantes do Instituto

[18] Uma relação completa dos trabalhos publicados nos cinco volumes pode ser encontrada em Burkhard (1985b: 75-79). Dois números de uma edição alemã da revista foram lançados em 1926 e 1927. A partir de 1932, ela recebeu novo nome, *Arkhiv Marksa i Engel'sa*, passando a ser editada pelo sucessor de Riazanov na direção do Instituto.

[19] A relação de textos publicados pode ser obtida em Burkhard (1985b: 82-88).

no continente foi mobilizada para reunir o material necessário: a aquisição de originais ou a realização de cópias das cartas, manuscritos, livros etc. (Zapata, 1985: 36-37).[20]

O plano editorial da primeira MEGA previa o lançamento de 42 volumes divididos em quatro partes ou seções (Rjazanow, 2007; Zapata, 1985; Musto, 2007). Destes, somente 11 volumes chegaram a aparecer (ver o Quadro I).[21]

A primeira parte deveria reunir os escritos de Marx e Engels com exceção daqueles relacionados a *O Capital*. Prevista para chegar a 17 volumes, somente sete foram publicados, contendo os textos redigidos até 1852, como *A Sagrada Família* e *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*. Ressalte-se que, pela primeira vez, foram publicadas versões integrais de obras como a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (em 1927), os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* e *A Ideologia Alemã* (ambos em 1932). Os sete volumes seguintes deveriam conter os textos do período 1852-1862 e seriam seguidos de outros três volumes com trabalhos de 1864-1876.

A segunda seção da MEGA iria reunir não apenas o texto de *O Capital*, como todos os trabalhos e manuscritos preparatórios da crítica da economia política. Prevista para 13 volumes, dos quais nenhum chegou a ser publicado, esta era a seção que apresentava maiores dificuldades editoriais que, de acordo com Riazanov, deveriam tomar vários anos de trabalho.

Da terceira parte, prevista para abrigar toda a correspondência de Marx e Engels, foram publicados quatro volumes com as cartas do período 1844 a 1883. Ela deveria incluir sobretudo a correspondência entre os dois autores, mas também suas cartas a Lassalle, Weydemeyer, Kugelmann, Freiligrath e outros. Finalmente, o plano original previa ainda uma quarta parte composta de dois volumes contendo um índice temático e de nomes.

Dos volumes da MEGA que chegaram a ser lançados, apenas os cinco primeiros,[22] publicados entre 1927 e 1930, registram o nome de Riazanov como seu

---

[20] Entre estes colaboradores europeus merecem destaque os nomes de Boris Souvarine (1895-1984), em Paris, e de Boris Nikolaevsky (1887-1966), em Berlim. A exemplo de boa parte da equipe do IME, ambos eram críticos do regime soviético.

[21] Alguns comentadores fazem referência a 12 volumes (e não 11) da primeira MEGA textos. Duas razões podem ser apontadas para esta diferença. Em primeiro lugar, o fato de que o primeiro volume da MEGA foi lançado em dois tomos (o primeiro em 1927 e o segundo em 1929). Outra razão é que alguns autores incluem entre os volumes da MEGA o *Sonderband* (volume especial) comemorativo dos 40 anos da morte de Engels, lançado em 1935 e contendo o *Anti-Dühring* e a *Dialética da natureza* (ver o Quadro II).

editor. A razão é que, em fevereiro de 1931, ele foi deposto da direção Instituto Marx Engels e expulso do Partido Comunista, em cirscunstâncias que serão discutidas adiante. O nome de seu sucessor, Vladimir Viktorovich Adoratskij (1878-1945), um fiel seguidor de Stálin, constaria como o editor dos seis volumes publicados entre 1931 e 1935, volumes que, em grande medida, tinham sido preparados por Riazanov e sua equipe.

Em 1935 o projeto de edição da MEGA foi abandonado. As causas de sua interrupção passaram, sem dúvida, pelas mudanças sofridas pelo Instituto a partir da saída de Riazanov. Em primeiro lugar, mais da metade dos 244 empregados do IME foram demitidos, entre os quais tradutores, bibliotecários, economistas, historiadores, filósofos etc.. Parte dos correspondentes na Europa, encarregados da aquisição de documentos e livros, foi dispensada. Por si só, a perda deste pessoal representou um sério obstáculo à continuidade do trabalho e, sobretudo, o desaparecimento de uma considerável parte da experiência crítico-editorial acumulada ao longo de anos. Em segundo lugar, a posse de Adoratskij representou uma inflexão na trajetória do Instituto, que se fundiria ao Instituto Lenin em novembro de 1931, transformando-se no Instituto Marx-Engels-Lenin. A missão do novo Instituto deixou de ser primordialmente a pesquisa, passando a concentrar-se na educação e propaganda política, tarefas desenvolvidas sob a direção do Partido. Quanto ao trabalho editorial, a prioridade passou a ser dada a *Sochinenija*, a edição em russo das obras de Marx e Engels, reunindo 28 volumes (33 tomos) publicados entre 1928 e 1947 sob a direção de Adoratskij.[23] Nesta última, bem como nos volumes da MEGA lançados a partir de 1931, as introduções e notas ganharam um tom totalmente diverso daquele presente nos volumes editados por Riazanov, tornando-se mais preocupadas em afirmar a ideologia marxista-leninista e mostrar uma suposta coerência entre os textos de Marx e Engels e as concepções dominantes no período stalinista, em prejuízo da abordagem histórico-crítica adotada inicialmente. Finalmente, outra razão que contribuiu para a interrupção da MEGA consistiu na ascenção do nazismo na Alemanha, que provocou a emigração e

[22] Isto é, os dois volumes iniciais da primeira parte e os três da terceira.

[23] Mesmo não sendo completa, esta foi a edição mais abrangente entre as disponíveis naquele período. Reeditada (com acréscimos) entre 1955 e 1966, ela serviu de base para a MEW (*Marx Engels Werke*), editada na Alemanha Oriental entre 1956 e 1968, que não apenas é a edição mais empregada até hoje pelos estudiosos de Marx, como também serviu de base para as traduções em outras línguas (Musto, 2007: 486).

a dispersão da rede de pesquisadores colaboradores do Instituto naquele país (Zapata, 1985: 39; Musto, 2007: 485-6).

De todo modo, e apesar das dificuldades que acabamos de apontar, o trabalho de documentação e edição das obras de Marx iniciado por Riazanov e sua equipe continuaram produzindo resultados mesmo após o abandono do projeto da MEGA. Entre os mais significativos, pode-se apontar a publicação entre 1939 e 1941 da primeira edição integral dos manuscritos de 1857/1858, os *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie (Rohentwurf)*. A descoberta dos *Grundrisse* ocorreu durante uma viagem de Riazanov a Berlim ainda em 1923, durante a qual ele voltou a examinar os papéis de Marx e Engels em poder do SPD. Num artigo publicado no mesmo ano para relatar seus achados,[24] Riazanov anunciou ter encontrado oito cadernos de notas de Marx, aparentemente datados do final dos anos 1850, que conteriam o primeiro rascunho d'*O Capital* e cujo interesse seria extraordinário, por nos permitir compreender sua trajetória intelectual e seu método de trabalho e pesquisa (Riazanov, 1968: 198). De fato, nunca houve menção anterior a existência destes cadernos, ainda que seja difícil acreditar que Kautsky os desconhecesse, pois ele já havia publicado duas pequenas partes de seu conteúdo: o texto que ficou conhecido como a "Introdução de 1857"[25] e o fragmento conhecido como "Bastiat e Carey".[26] O restante, porém, do conteúdo dos cadernos permaneceu desconhecido do público até o anúncio de sua descoberta por Riazanov (Musto, 2008: 180; Mohl, 2008).

No mesmo ano, cerca de sete mil páginas dos manuscritos e de outros documentos inéditos foram fotografadas nos arquivos do SPD e enviados a sede do IME em Moscou. O primeiro esforço para catalogar o material foi feito por Christoph Wurm, sendo retomado a partir de 1925 por Pavel Lazarevich Veller (1903-1941), cujos

---

[24] Originalmente publicado em russo, o artigo que citamos a partir de uma versão francesa foi traduzido para o alemão e publicado dois anos mais tarde como:
RJASANOV, N.. Neueste Mitteilungen über den literarischen Nachlaß von Karl Marx und Friedrich Engels, *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, v. 11, 1925, p. 385-340.

[25] Escrita em agosto e setembro de 1857, a "Introdução" foi publicada por Kautsky com o título de *Einleitung zu einer Kritik der politischen Ökonomie* (em *Die Neue Zeit*, ano 21, n° 1, 1903). Sua repercussão foi grande e imediata, e o texto tornou-se uma referência para as discussões sobre o método de Marx.

[26] Escrito em julho de 1857, este fragmento foi publicado com o título de *Carey und Bastiat. Ein fragment aus dem Nachlass* (em *Die Neue Zeit*, ano 22, n° 2, 1904, p. 5-16). Ao contrário do texto anterior, passou praticamente despercebido.

catálogos sistemáticos, conhecidos como "passaportes para os manuscritos econômicos", encontram-se ainda em uso.

O trabalho de edição dos manuscritos começou em 1927. É difícil dar uma idéia precisa de quão árdua e complexa era a tarefa de decifrar a letra de Marx e de compreender a seqüência de textos compostos por frases intercaladas, trechos riscados, linhas escritas às margens do corpo do texto – trabalho que se mostraria ainda mais penoso e exigente na medida em que tinha que ser feito a partir de cópias fotográficas dos originais. Mesmo assim, Veller conseguiu completar a primeira transcrição datilográfica de todo o conteúdo dos cadernos em 1931. A partir daí, partes do manuscrito foram publicadas em alemão e russo: fragmentos de um plano do "Capítulo sobre o Capital", em 1932; parte do "Capítulo sobre o Dinheiro", no mesmo ano; mais tarde, em 1935, a versão integral deste capítulo; trechos dos cadernos II e IV, em 1933, 1935 e 1939; e, finalmente, o texto sobre as "Formas que precedem a produção capitalista", publicado em 1939 e 1940 (Vasina, 2008).

Paralelamente, o trabalho de edição de uma versão integral do manuscrito avançou, cuja publicação estava prevista inicialmente para o volume 6 da segunda parte da MEGA. Em 1936, o IMEL conseguiu obter seis dos oito cadernos originais de Marx, o que permitiu esclarecer e resolver os problemas que restavam para o estabelecimento do texto, e Veller foi encarregado de editá-lo.[27] Durante este período o manuscrito recebeu vários nomes diferentes, sendo provável que o título definitivo só tenha sido definido pelo próprio Veller na etapa final do trabalho de edição. O primeiro volume dos *Grundrisse* veio, finalmente, a público no final de 1939, com uma tiragem de 3.140 exemplares. A edição foi feita num formato e apresentação semelhantes a dos volumes da MEGA, mas não trazia qualquer menção a ela.

Nos anos seguintes, Veller dedicou-se a edição do segundo volume, contendo as notas de Marx sobre os *Princípios* de Ricardo, os fragmentos de uma versão preliminar (*Urtext*) da *Contribuição à Crítica da Economia Política*, o trecho sobre "Bastiat e Carey", além das notas ao texto principal, um índice onomástico e a biliografia. O volume foi publicado em 1941, poucos dias após o ínicio da invasão alemã à União Soviética. Conta-se que alguns exemplares foram enviados ao *front* para servir de

[27] O caderno contendo a "Introdução de 1857" e o caderno com a parte final do manuscrito permaneceram em Amsterdã, de posse do Instituto Internacional de História Social (IIHS).

material de agitação contra os soldados alemães, bem como aos campos de prisioneiros de guerra como material de estudo. Poucas cópias desta edição chegaram ao Ocidente, tornando-se em pouco tempo uma verdadeira raridade (Vasina, 2008; Musto, 2008; Mohl, 2008).

Quadro I – Volumes editados da MEGA

Abt. 1. Sämtliche Werke und Schriften mit ausnahme des Kapitals
Bd. 1. Karl Marx. *Werke und Schriften bis Anfang 1844 nebst Briefen und Dokumenten*. Hrsg. von D. Rjazanov. Halbbd. 1. Werke und Schriften. Unveränd. Neudr. d. Ausg. Frankfurt/M., 1927. LXXXIV, 626 S. : mit Abb.
Bd. 1. Karl Marx. *Werke und Schriften bis Anfang 1844 nebst Briefen und Dokumenten*. Hrsg. von D. Rjazanov. Halbbd. 2., Jugendarbeiten, Nachträge, Briefe und Dokumente . Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin 1929. XLV, 371 S. : mit Abb.
Bd. 2. Friedrich Engels. *Werke und Schriften bis Anfang 1844 nebst Briefen und Dokumenten*. Hrsg. von D. Rjazanov, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1930. LXXXII, 691 S. : mit Abb.
Bd. 3. Karl Marx; Friedrich Engels. *Die heilige Familie und Schriften von Marx von Anfang 1844 bis Anfang 1845*. Hrsg. von V. Adoratskij, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1932. XXI, 640 S. : mit Abb.
Bd. 4. Friedrich Engels. *Die Lage der arbeitenden Klasse in England und andere Schriften von August 1844 bis Juni 1846*. Hrsg. von V. Adoratskij**,** Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1932. XX, 558 S. : mit Abb.
Bd. 5. Karl Marx; Friedrich Engels. *Die deutsche Ideologie. Kritik d. neuesten dt. Philosophie in ihren Repräsentanten, Feuerbach, B. Bauer u. Stirner u.d. dt. Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten 1845-1846*. Hrsg. von V. Adoratskij, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1932. XIX, 706 S. : mit Abb.
Bd. 6. Karl Marx; Friedrich Engels. *Werke und Schriften von Mai 1846 bis März 1848*. Hrsg. von V. Adoratskij, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Moskau/Leningrad, 1933. XXI, 746 S. : mit Abb.
Bd. 7. Karl Marx; Friedrich Engels. *Werke und Schriften von März bis Dezember 1848*. Hrsg. von V. Adoratskij, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Moskau, 1935. XXII, 768 S. : mit Abb.
Abt. 3. Briefwechsel
Bd. 1. *Der Briefwechsel zwischen Marx und Engels 1844-1853*. Hrsg. von D. Rjazanov, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1929. L, 539 S. : mit Abb.
Bd. 2. *Der Briefwechsel zwischen Marx und Engels 1854-1860*. Hrsg. von D. Rjazanov, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1930. XXI, 564 S. : mit Abb.
Bd. 3. *Der Briefwechsel zwischen Marx und Engels 1861-1867*. Hrsg. von D. Rjazanov, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1930. XXIII, 488 S. : mit Abb.
Bd. 4. *Der Briefwechsel zwischen Marx und Engels 1868-1883*. Hrsg. von V. Adoratskij, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Berlin, 1931. XVI, 759 S. : mit Abb.

Fonte: elaborado pelo autor com base no catálogo da *Deutschen Nationalbibliothek*.

Quadro II – Volumes associados a MEGA

Sonderbd. Friedrich Engels. *Herrn Eugen Dührings Umwälzung der Wissenschaft. Dialektik der Natur. 1873 – 1882*. Hrsg. von V. Adoratskij. Sonderausg. z. 40. Todestage von Friedrich Engels, Unveränd. Neudr. d. Ausg. Moskau 1935. XLVII, 846 S. : mit Abb.
Karl Marx. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie (Rohentwurf) 1857-1858*. Hauptw.. Moskau: Verl. f. fremdsprachige Literatur, 1939. XVI, 764 S. : 5 Taf.
Karl Marx. *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie (Rohentwurf) 1857-1858*. - Anh., 1850-1859. Moskau: Verl. f. fremdsprachige Literatur, 1941. S. 770-1103.

Fonte: elaborado pelo autor com base no catálogo da *Deutschen Nationalbibliothek*.

Os últimos anos de Riazanov

Em março de 1930, ao completar 60 anos, Riazanov parecia ter alcançado o auge de sua carreira. Três anos antes ele havia recebido o Prêmio Lenin e, em 1928, foi nomeado para a Academia de Ciências, sendo admitido no ao seguinte, tornando-se seu vice-presidente. A celebração de seu 60° aniversário foi um acontecimento público, marcado pelo reconhecimento de seu trabalho a frente do IME. Jornais saudaram-no como "o mais renomado e o mais importante dos estudiosos marxistas de nossa época", "o mais eminente marxólogo do nosso tempo", uma "personalidade científica mundial", que dedicou "mais de quarenta anos de vida ativa à causa da classe trabalhadora" (comentários publicados no *Inprecorr*, *Pravda* e *Izvestia apud* Souvarine, 1931). Um *Festschrift* com o título de *Na boevom postu* (No posto de combate) foi organizado e publicado por Deborin.[28] Em mais de 600 páginas, o volume comemorativo reuniu artigos e depoimentos de líderes políticos e intelectuais, como Bukharin, Pokrovsky, Steklov, Pashukanis, Kalinin, Rykov e outros. Riazanov foi agraciado com a Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho e um prêmio bienal com seu nome foi criado para distinguir o melhor trabalho acadêmico marxista (Burkhard, 1985: 45; Leckey, 1995: 148). Uma declaração oficial do Comitê Central do Partido vaticinava "muitos anos de serviço por vir" para este "infatigável lutador pelo triunfo das idéias de (...) Marx, Engels e Lenin" (*apud* Beecher; Formichev, 2006: 132).

[28] DEBORIN, A. (ed.), *Na Boevom postu*: *Sbornik k Shestidesiatiletiiu D. B. Riazanova*. Moskva: Gos. izd-vo, 1930.

Neste como em outros casos, a consagração revelou-se, de fato, um presságio da queda. Menos de um ano depois Riazanov cairia em desgraça, sendo preso, exilado e expulso do Partido, enquanto o IME perderia a maior parte de sua equipe e seria colocado sob o controle do Partido. Em janeiro de 1931, o *Pravda* publicou um artigo em que Riazanov, Deborin e outros eram denunciados como "proto-mencheviques". No mês seguinte, Riazanov foi acusado de tomar parte num complô organizado por um pretenso Bureau Sindical do Comitê Central do Partido Menchevique. Entre os quatorze acusados de integrar o Bureau e de sabotar os planos de desenvolvimento econômico soviéticos estava Isaak I. Rubin, um professor de economia que se tornou pesquisador associado ao IME em 1926 e que gozava da irrestrita confiança de Riazanov. Preso em dezembro de 1930 e posto em confinamento solitário, Rubin foi submetido a toda sorte de tortura até concordar em testemunhar contra Riazanov, afirmando ter entregado a ele um envelope com documentos relacionados aos preparativos de uma insurreição, envelope que Riazanov teria concordado em guardar no Instituto.[29] Convocado ao Kremlin, Riazanov travou uma discussão ríspida com Stalin, negando todas as acusações. Três dias depois foi exonerado da direção do Instituto e expulso do Partido.[30] Detido e posto em prisão solitária, ignorando as acusações que pesavam contra ele e a campanha difamatória movida pelos meios de imprensa, Riazanov foi condenado sem julgamento ao degredo em Saratov (Beecher; Formichev, 2006: 139-142; Medvedev, 1989: 264-65; 280ss.).

Durante os três que viveu em Saratov, ele permaneceu sob constante vigilância policial. Impossibilitado de trabalhar em qualquer instituição do governo e privado de seus livros e cadernos, tornou-se um homem amargo e adoentado, mas não deixou-se dobrar. Ganhou a vida com a ajuda de amigos, trabalhando como tradutor.[31] Em 1934, ao final de sua pena, permaneceu sob vigilância dos organismos de segurança. Incapaz de regressar a Moscou, ele conseguiu obter de volta seus livros e papéis e encontrou

---

[29] Sobre a prisão e tortura de Rubin veja-se o depoimento de sua irmã recolhido em Medvedev (1989: 280-284).

[30] Em março, o sucessor de Riazanov a frente do Instituto o acusou de ocultar a existência de uma carta de Marx a sua filha, datada de 1881, contendo críticas a Kautsky. A carta fora entregue a Riazanov pela irmã de Martov com o compromisso de que não seria publicada (Beecher; Formichev, 2006: 139-141; Burkhard, 1985: 46).

[31] Neste período, ele traduziu discursos e cartas de David Ricardo, o economista político inglês, um romance de Étienne Cabet, o socialista utópico francês, e uma coletânea de artigos de Franz Mehring, o biógrafo de Marx.

emprego na biblioteca da Universidade de Saratov. Trabalhou ali por três anos até ser preso em 22 de julho de 1937, em meio a uma onda de repressão política e perseguição em massa. Interrogado durante meses, recusou-se a admitir qualquer culpa ou a acusar outras pessoas. Condenado a morte e ao confisco de seus bens pessoais, foi executado na noite de 21 de janeiro de 1938 e enterrado em uma vala comum no cemitério de Saratov (Beecher; Formichev, 2006: 143).

Referências bibliográficas

AHLBERG, René, Forgotten Philosopher: the work of Abram Deborin, *Survey*, v. 37, 1961, p.79-89.

BEECHER, Jonathan; FORMICHEV, Valerii. French socialism in Lenin's and Stalin's Moscow: David Riazanov and the French archive of the Marx-Engels Institute. *The Journal of Modern History*, v. 78 (1), 2006, p. 119-143.

BURKHARD, Bud. D. B. Rjazanov and the Marx-Engels Institute: notes toward further research. *Studies in Soviet Thought*, v. 30 (1), 1985, p. 39-54.

BURKHARD, Bud. Bibliographic annex to 'D. B. Rjazanov and the Marx-Engels Institute: notes toward further research'. *Studies in Soviet Thought*, v. 30 (1), 1985b, p. 77-88.

CARR, Edward H.. *The Bolshevik revolution (1917-1923)*. Vol. 3, New York: MacMillan, 1953.

DEUTSCHER, Isaac. *Stalin*: a história de uma tirania. Trad. portuguesa, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

DEUTSCHER, Isaac. *Trotski*: o profeta desarmado. Trad. portuguesa, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

L.B.. L'institut Marx-Engels. *La Critique Sociale*, n. 2, juillet 1931, p. 51-52. (Disponível em http://www.marxists.org/archive/riazanov/bio/bio02.htm).

LECKEY, Colum. David Riazanov and Russian Marxism. *Russian History/Histoire Russe*, v. 22(2), 1995, p. 127-153.

LUNACHARSKY, Anatol. *Revolutionary Silhouettes*. London: Penguin, 1967.

MEDVEDEV, Roy. *Let history judge*: the origins and consequences of Stalinism. Ed. revista e expandida, New York: Columbia U. P., 1989.

MOHL, Ernst Theodor. Germany, Austria and Switzerland. In: Marcello Musto (ed.). *Karl Marx's Grundrisse*: foundations of the critique of political economy 150 years later. London: Routledge, 2008.

MUSTO, Marcello. The rediscovery of Karl Marx. *International Review of Social History*, v. 52 , 2007, p. 477-498.

MUSTO, Marcello. Dissemination and reception of the Grundrisse in the world. In: Marcello Musto (ed.). *Karl Marx's Grundrisse*: foundations of the critique of political economy 150 years later. London: Routledge, 2008.

PEARCE, Brian. D. B. Riazanov. In: D. B. Riazanov, *Marx and Anglo-Russian relations and other writings*. Tradução inglesa, London: Francis Boutle Publishers, 2003.

RIAZANOV, David. Communication sur l'héritage littéraire de Marx et Engels. In: D. Riazanov (ed.). *Karl Marx*: homme, penseur et révolutionnaire. Trad. francesa, Paris: Anthropos, 1968.

RIAZANOV, David. *Marx, Engels e a história do movimento operário*. São Paulo: Global, 1983.

RJASANOW, David. Vorwort zur MEGA 1927. *Utopie Kreativ*, v. 206, 2007, p. 1095-1011.

SHACHTMAN, Max. Two Proletarian Soldiers. *New International*, v. VIII (6), July 1942, p. 171-174. (Em http://www.marxists.org/archive/riazanov/bio/bio01.htm).

SOUVARINE, Boris. D.B. Riazonov. *La Critique Sociale*, n. 2, juillet 1931, p. 49-50. (Disponível em http://www.marxists.org/archive/riazanov/bio/bio01.htm).

TROTSKY, Leon. *Minha vida*: ensaio autobiográfico. Trad. de Lívio Xavier, Rio de Janeiro, 1978.

TROTSKY, Leon. The Case of Comrade Ryazanov. *The Militant*, New York, 01/05/1931. (Em http://www.marxists.org/archive/trotsky/1931/03/ryazanov.htm).

VASINA, Lyudmila L.. Russia and Soviet Union. In: Marcello Musto (ed.). *Karl Marx's Grundrisse*: foundations of the critique of political economy 150 years later. London: Routledge, 2008.

ZAPATA, René. La publication des œuvres de Marx après sa mort: 1883-1935. In: Georges Labica (ed.). *1883-1983 L'œuvre de Marx, un siècle après*. Paris: PUF, 1985.